

**FACULDADE CANÇÃO NOVA**

Bianca Silva de Carvalho

**VOZES SILENCIADAS**

**Exclusão e Invisibilidade Social: Uma reportagem longform**

**Cachoeira Paulista**

**2023**

**Faculdade Canção Nova**

Bianca Silva de Carvalho

**VOZES SILENCIADAS**

**Exclusão e Invisibilidade Social: Uma reportagem longform**

*Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para obtenção de grau do curso de Bacharel em Jornalismo na Faculdade Canção Nova, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Me. Ioná Marina Moreira Piva Rangel.*

**Cachoeira Paulista**

**2023**

**Bianca Silva de Carvalho**

**VOZES SILENCIADAS**

**Exclusão e Invisibilidade Social: Uma reportagem longform**

*Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para obtenção de grau do curso de Bacharel em Jornalismo na Faculdade Canção Nova, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Me. Ioná Marina Moreira Piva Rangel.*

\_\_\_\_\_ : em 06 de dezembro de 2023.

Grau: \_\_\_\_\_

Banca Examinadora:

---

Prof.<sup>a</sup> Me. Ioná Marina Moreira Piva Rangel - orientadora  
Faculdade Canção Nova

---

Prof.<sup>o</sup> Esp. Mario Cypriano Sampaio Pinto Junior  
Faculdade Canção Nova

---

Prof.<sup>a</sup> Esp. Denise Lobato Villela Claro  
Faculdade Canção Nova

**Cachoeira Paulista**

**2023**

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus, que mesmo com todas as dificuldades ao longo do caminho, permitiu que eu ultrapassasse os obstáculos e finalizasse esse trabalho.

Aos meus familiares, que me incentivaram nos momentos difíceis e me deram todo o suporte para que eu não desistisse e especialmente para meu avô Euclides, que eu espero que esteja orgulhoso de mim.

Sou grata também a todos meus amigos, em especial, Ana Beatriz, Ana Clara, Isabelle, Thaysa e Vittoria, que estiveram ao meu lado em todos os momentos e que além de dividirem comigo essa experiência incrível, me deram apoio e seguraram minha mão nos momentos de aflição.

Agradeço também a todos aqueles que contribuíram de alguma forma para que essa pesquisa se concretizasse, aos entrevistados e principalmente, a minha orientadora Ioná Piva Rangel, que me ajudou desde quando esse trabalho era apenas uma ideia e teve paciência comigo ao longo deste ano para tirá-lo do papel e torná-lo realidade.

*“Ser contadora de histórias reais é acolher a vida para transformá-la em narrativa da vida. É só como história contada que podemos existir. Por isso escolhi buscar os invisíveis, os sem voz, os esquecidos, os proscritos, os não contatos, aqueles à margem da narrativa. Em cada um deles resgata a mim mesma - me salvava da morte simbólica de uma vida não escrita”.*

***Eliane Brum***

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>1. OBJETIVOS.....</b>	<b>9</b>
1.1 Objetivo Geral.....	9
1.2 Objetivos Específicos.....	9
<b>2. JUSTIFICATIVA.....</b>	<b>10</b>
<b>3. REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>12</b>
3.1 Jornalismo Literário.....	12
3.2 Jornalismo Humanizado.....	14
3.3 Reportagem.....	18
3.4 Ciberjornalismo e Longform.....	21
3.5 Jornalismo e Direitos Humanos.....	23
3.6 Exclusão e Invisibilidade Social.....	28
<b>4. DESCRIÇÃO DO PRODUTO.....</b>	<b>33</b>
<b>5. DESCRIÇÃO DO PROCESSO DE CRIAÇÃO.....</b>	<b>34</b>
<b>6. SINOPSE.....</b>	<b>36</b>
<b>7. ORÇAMENTO.....</b>	<b>37</b>
<b>8. PÚBLICO ALVO.....</b>	<b>38</b>
<b>9. VIABILIDADE DE PUBLICAÇÃO OU EXIBIÇÃO.....</b>	<b>39</b>
<b>10. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>40</b>
<b>11. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>42</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>48</b>

## INTRODUÇÃO

A exclusão e invisibilidade social são conceitos aplicados para se referir a pessoas que encontram-se invisíveis socialmente, seja por indiferença, discriminação ou preconceito estrutural. Estão presentes na cultura, na religião e no marco jurídico do próprio estado sobre aspectos familiares, econômicos, trabalhistas e de qualquer natureza.

Esses fenômenos afetam a sociedade como um todo. São problemas complexos, multifacetados e colocam-se diante de um grande conjunto de incertezas, desafios e inquietações em relação à sociedade, vistos no Brasil e mundialmente, seja por questões econômicas, de gênero, de cor, de crenças, ou grupo social.

Tal discriminação com os grupos “marginalizados” atravessa o tempo e história, sendo particularmente visível no nosso dia a dia, como mostram os dados e índices. Essa forma de desigualdade se manifesta no acesso aos direitos, recursos e principalmente oportunidades, prejudicando e limitando a condição social dessas pessoas, bem como o acesso a direitos fundamentais, como educação e saúde de qualidade, direito à propriedade, ao trabalho, à moradia, direito de ter boas condições de locomoção, etc. Essa condição acaba levando à alienação social, à falta de confiança nas instituições públicas e à falta de participação cívica, além dos impactos negativos na saúde mental e física das pessoas afetadas.

Neste trabalho será abordado a história das pessoas negras, em situação de rua, com deficiência e egressos do sistema prisional, que são apenas alguns dos diversos grupos que enfrentam essas dificuldades. Os problemas enfrentados por esses grupos deixam escancarada a desigualdade no Brasil e enfrentar essas dificuldades, é um desafio complexo que exige ação em muitas frentes. Por esse motivo, dar visibilidade ao contar suas histórias é crucial para a promoção do reconhecimento e da valorização de suas identidades, pois somente através do entendimento profundo dessas questões e da promoção ativa de uma sociedade mais justa e inclusiva garantindo a justiça social e a igualdade de oportunidades para todos.

Feitas essas considerações iniciais, o presente trabalho pauta-se na seguinte problemática: Como o jornalismo pode abordar eficazmente a questão da exclusão e invisibilidade social em uma sociedade multicultural, promovendo a conscientização e ações concretas para garantir a igualdade de oportunidades e direitos para todos os grupos discriminados?

Usando o formato Longform, um método de publicação online que se baseia na coleta e análise de dados qualitativos em profundidade, é possível compreender as experiências e perspectivas das pessoas em relação a um determinado fenômeno ou tópico. Esta pesquisa tem como objetivo explorar a complexidade e as implicações da exclusão e invisibilidade social, destacando como esses fenômenos afetam a vida cotidiana das pessoas e comunidades que, muitas vezes, passam despercebidas. Sendo assim, o formato permite uma narrativa rica e detalhada em profundidade com os personagens escolhidos, o que colabora para uma inovação no projeto, por intermédio da humanização diante de entrevistas.

Assim, é possível que o leitor compreenda cada aspecto do tema em estudo e se conecte com as histórias contadas. O *Longform* permite esse engajamento com o leitor, ferramenta extremamente necessária para o intuito do projeto, que é fazer com que o mesmo crie um vínculo e uma conexão com o personagem, gerando curiosidade e fazendo com que ele queira continuar lendo e saber mais sobre a história. Além disso, o formato ajuda a cumprir o papel crucial do jornalismo e da mídia na amplificação das vozes silenciadas e na promoção da conscientização pública sobre essas questões.

Através da análise crítica e da apresentação de histórias reais, esta pesquisa busca iluminar as raízes profundas da exclusão e invisibilidade social, bem como suas ramificações em diversas áreas, desde saúde e educação até emprego e participação cívica. Ademais, abordará as maneiras pelas quais a mídia pode contribuir para a mudança social, promovendo a inclusão e a igualdade.

Em última análise, este trabalho destaca a importância de reconhecer as vozes silenciadas, dando visibilidade às experiências e desafios enfrentados por aqueles que foram excluídos pela sociedade.



## 1. OBJETIVOS

### 1.1 Objetivo Geral

Utilizar o formato digital da reportagem multimídia, *Longform*, para dar voz a história de pessoas que fazem parte de grupos que são invisibilizados pela sociedade, como pessoas com deficiências, negras e egressas do sistema prisional. O aprofundamento do tema permite evidenciar as minorias, que precisam ter suas histórias compartilhadas.

### 1.2 Objetivos Específicos

- Abordar dados da exclusão social no Brasil, enfatizando as informações sobre os grupos citados;
- Analisar o contexto histórico da invisibilidade social e trazer a problemática da exclusão, abordando a necessidade de conscientização e políticas públicas;
- Contar a história de pessoas que vivem essa realidade, humanizando os relatos, trazendo vídeos, depoimentos e fotos dos personagens;
- Como o formato Longform permite aprofundar a história, será possível contar com detalhes e assim, conectar o leitor com os personagens, possibilitando novas visões de lutas e realidades.

## 2. JUSTIFICATIVA

Em um mundo caracterizado pela diversidade e pluralidade, é imperativo que se compreenda a profundidade e a amplitude da exclusão e invisibilidade social. Esses fenômenos não são restritos a um grupo específico ou a uma região geográfica; eles atravessam fronteiras culturais e afetam pessoas de todas as origens, raças, religiões e condições socioeconômicas. Portanto, é uma questão de relevância social e política que merece uma atenção aprofundada.

Por trás das estatísticas e números que frequentemente associam-se a esses problemas, existem histórias humanas reais. Cada número em uma estatística de desemprego, cada caso de discriminação racial e cada pessoa em situação de rua tem uma história única e uma vida afetada por esses problemas. Dar visibilidade a essas histórias pessoas humaniza o tema, tornando-o mais acessível e relevante para todos.

Outrossim, a mídia desempenha um papel fundamental na promoção da conscientização pública sobre questões sociais. Ao abordar a exclusão e invisibilidade social, o jornalismo pode atuar como um agente de mudança, expondo injustiças, sensibilizando a sociedade e influenciando a formulação de políticas públicas mais equitativas.

Para além da compreensão das dinâmicas sociais, políticas contemporâneas e o comportamento da sociedade, o trabalho tem o intuito de abordar diferentes aspectos desse fenômeno, como suas causas, consequências, formas de expressão, estratégias de combate e os desafios que ainda persistem nessa área. Desse modo, esta pesquisa busca abordar a exclusão e invisibilidade social não apenas como desafios sociais, mas como questões que afetam diretamente a vida das pessoas e a construção de sociedades justas e inclusivas.

Ao destacar a importância desse tema e explorar suas dimensões, pretende-se contribuir para um debate significativo e para a promoção de mudanças positivas em nossa sociedade.

Como mencionado por Duarte Nunes (2020), "a narrativa é necessária àqueles comprometidos com uma sociedade pautada pela igualdade e solidariedade". Ao dar voz às vozes silenciadas, ao expor realidades, muitas vezes, negligenciadas e ao buscar soluções, demonstra-se o compromisso com a construção de uma sociedade mais justa, onde todos tenham visibilidade e a oportunidade de alcançar seu pleno potencial.

### 3. REFERENCIAL TEÓRICO

#### 3.1 Jornalismo Literário

De acordo com Faria (2011), o gênero Jornalístico-literário surgiu das primeiras combinações de recursos literários com técnicas de investigação jornalística, que deram origem a obras de ficção inspiradas na vida real.

“Esta tendência se manifestou, no século XVIII, na escrita ficcionista de Daniel Defoe e de Henry Fielding. Desde essa época o Jornalismo foi sendo remodelado e logo surgiu o ***New Journalism***, ou Novo Jornalismo, que continua até os dias de hoje.” (FARIA, 2011, p.29)

Este tipo de Jornalismo começou a ser profusamente praticado nos Estados Unidos da América nos anos 60 do século XX, despontando posteriormente no Brasil e na Europa. Influenciado por jornalistas como Tom Wolfe, Truman Capote e Gay Talese, o intuito da nova onda era somar características literárias com a tradicional objetividade das notícias e, assim, narrar a história como um acontecimento pessoal, e não apenas como um fato:

“Não era suficiente contar uma história real numa grande-reportagem com efeitos narrativos, a exemplo das obras tradicionais consideradas como Jornalismo Literário. O interessante era fazer parte da história, conhecer intimamente suas personagens, adentrar seus sentimentos e narrá-los de forma livre, sem impedimentos. Essa liberdade de expressão foi concretizada em textos cujos elementos mais marcantes nós tomamos como parâmetro para estabelecer uma comparação com outros gêneros da narrativa jornalística. A começar pela dinamicidade praticada por Tom Wolfe, que aproveitava ao máximo as funções dos recursos de pontuação.

Eram frequentes em suas reportagens as exclamações, interrogações, vírgulas e os dois pontos, o que conferia movimento e ritmo às ideias no momento da leitura, permitindo que o leitor visualizasse melhor a história.” (CARNEIRO, 2005, p.10)

Para isso os autores passaram a escrever utilizando técnicas que aproximam o leitor da história. Entre estas a descrição do ambiente, o desenvolvimento dos acontecimentos a partir da construção cena a cena, os diálogos com todas as gírias e oralidades, o uso da terceira pessoa e um dos elementos mais fundamentais: a contextualização da sociedade.

“Outros pontos imprescindíveis ao texto do Novo Jornalismo foram a transcrição dos diálogos em discurso direto; o registro das impressões das personagens sobre os fatos; a interpretação das ideias dos entrevistados a partir de seu comportamento, bem como a leitura social dos símbolos que permeavam a vida das pessoas relatadas (descrições de status); e a construção de “heróis” casuais, comuns, que surgem do nada para o estelato e se revelam personalidades ímpares, ou mesmo a desconstrução de mitos do mundo artístico. Todas essas características, aliadas a um vocabulário descontraído, compunham as reportagens no Novo Jornalismo.” (CARNEIRO, 2005, p.10-11)

Este movimento estimulou o recurso a formas literárias em Jornalismo, advogando a utilização cruzada de métodos jornalísticos de investigação com técnicas de escrita literária, o que estimulou não só a criatividade em Jornalismo, mas imprimiu também a sensação de realidade em obras de literatura.

Ou seja, o Jornalismo literário combina técnicas da literatura com reportagem factual para criar narrativas envolventes e profundas e vai além da simples publicação de informações, pois busca contar histórias de maneira cativante, muitas

vezes explorando aspectos emocionais e humanos dos acontecimentos e dos personagens abordados no texto.

Diferente do Jornalismo convencional, o Jornalismo literário utiliza técnicas de narrativa, focando no desenvolvimento dos personagens, descrições detalhadas e profundas, fazendo com que o leitor se envolva mais na história e consiga visualizar e sentir aquilo que está sendo transmitido.

O gênero do Jornalismo literário é a capacidade discursiva de englobar numa narrativa rica e diversa a hipercomplexidade da existência, porque encerra em si um infinito cultural que engloba ciência, história, religião, ética e política. Como afirma Castro (2010), o jornalismo literário é uma via de compreensão do gênero humano, um misto de informação e conhecimento, capaz de transformar e orientar esse mesmo conhecimento em sapiência.

Um dos principais intuitos do Jornalismo literário é tocar as emoções de quem está lendo, gerando uma empatia, criação de vínculo com os personagens da história, conexão emocionais ou até mesmo, gerando uma identificação com os entrevistados da reportagem, o que é uma técnica muito utilizada em Jornalismo de pesquisa em profundidade.

Sendo assim, o Jornalismo literário é uma forma poderosa de contar histórias que visa não apenas informar, mas também emocionar e envolver os leitores de maneira profunda e memorável, além de desafiar as fronteiras tradicionais entre jornalismo e literatura, buscando encontrar o equilíbrio entre fatos e narrativa literária.

### **3.2 Jornalismo Humanizado**

Durante o período da ditadura militar no país, as empresas de comunicação estavam concentradas na modernização de seus meios de difusão. As grandes narrativas cederam espaço para a predominância da notícia breve. Como aponta Medina (1999, p. 32) "as histórias de vida que dão significado aos contextos sociais foram relegadas diante da exibição visual e gráfica". O novo paradigma jornalístico,

delineado por Medina ainda nos anos 70, tinha como objetivo reavivar o prazer e o desejo de compreender as pessoas e o ambiente social em que vivem. Nesse contexto, a narrativa jornalística ganharia uma característica autoral e inovadora, visando humanizar as técnicas profissionais em prol da vitalidade da vida cotidiana, uma vez que a gramática jornalística convencional não conseguia satisfazer as demandas coletivas.

Considerando essa reflexão, Ijuim (2002) sugere então o *Jornalismo humanizado*. No entanto, o autor levanta a possibilidade de que falar em Jornalismo humanizado talvez seja redundante, especialmente quando revisa-se a proposta de Alberto Dines em seu livro *O Papel do Jornal*. Utilizando as palavras de Wilbur Schramm, Dines (1986, p. 60) ressalta que "comunicação tem origem no latim communis, que significa comum, e communicare, que significa tornar comum, compartilhar". Portanto, o Jornalismo, como meio de comunicação, incorpora esse caráter de comunhão e integração entre as pessoas:

"É fundamental deixar de depender das fórmulas fixas presentes nos manuais jornalísticos e adentrar o mundo real para experimentar o presente, compreender as dinâmicas sociais e abraçar o papel ativo da humanidade (Medina, 2003)"

Medina (2003) enfatiza a necessidade de inverter a relação entre o técnico de informação atualizada, que tradicionalmente age como sujeito-objeto, para a relação de sujeito-sujeito, tornando-se um mediador social.

"A ação conjunta da grande reportagem adquire um apelo cativante quando seus protagonistas são indivíduos comuns que enfrentam os desafios da vida cotidiana. Descobrir as histórias dessas pessoas sem voz, reconstruir o registro diário de suas jornadas em busca da esperança, capturar suas expressões e narrativas, que muitas vezes passam despercebidas pela mídia convencional [...] afinal, a essência da reportagem está em contar uma história humana envolvente". (Medina, 2003)

Ijuim (2014) argumenta que humanizar requer a superação da dor e do sofrimento, enquanto se respeitam os "valores humanistas" de todas as culturas. O autor destaca aspectos essenciais, como colocar o ser humano no centro das preocupações, promover a igualdade entre todos os indivíduos, reconhecer a diversidade presente em cada pessoa e em sua cultura, buscar um entendimento mais profundo que vá além das verdades absolutas estabelecidas, valorizar a liberdade cultural e de crenças e condenar a violência. Ao adotar esses princípios fundamentais, o Jornalismo dá início ao processo de humanização.

O conceito de Jornalismo humanizado, conforme descrito por Braghini e Lüersen (2014), permanece relativamente raro nos meios de comunicação tradicionais. As autoras delineiam as práticas necessárias para transformar uma reportagem em uma narrativa mais centrada na humanidade, afastando-se das abordagens convencionais. Tais práticas enfatizam a importância de enxergar as fontes como seres humanos, não apenas como fontes de informações, valorizando cada personagem envolvido. Isso significa explorar minuciosamente todos os aspectos da história e transmitir a verdade que reside nela, ao narrar as experiências e emoções das fontes como seres humanos.

Outros aspectos cruciais para uma reportagem humanizada envolvem a narrativa de um evento por meio de fragmentos das histórias daqueles que estiveram presentes ou que desempenham um papel significativo na interpretação dos acontecimentos. Isso implica em fornecer ao leitor não apenas o testemunho da pessoa entrevistada e as informações que detém, mas acima de tudo, proporcionar uma compreensão mais profunda sobre quem essa pessoa é, seu contexto, suas motivações e seu envolvimento na situação (Braghini; Lüersen, 2014).

Alves e Sebrian (2008) enfatizam a importância de reconhecer que, durante o processo de apuração de uma matéria jornalística, o jornalista está interagindo com outros seres humanos, não apenas com objetos de informação. Também alertam que, em meio a uma reportagem, há uma tendência significativa de concentrar-se apenas nos fatos e negligenciar a conexão com eventos e contextos mais amplos. Isso pode resultar em uma matéria jornalística que não vai além do que é



comumente encontrado nos meios de comunicação todos os dias. Em outras palavras, não se esforçar para compreender a realidade e a perspectiva individual de cada fonte como pessoa, e não fornecer a devida contextualização impede que a reportagem se torne mais do que um mero "aglomerado de informações", e a transforma em uma história genuína que pode ser compartilhada com a sociedade.

Ijuim (2002) esclarece que ao perceber o Jornalismo como uma forma de comunicação entre seres humanos, torna-se evidente a importância de apresentá-lo considerando os interesses da sociedade. Segundo o autor, os jornalistas devem constantemente buscar a verdade e, além disso, esforçar-se para compreender as motivações por trás das ações das fontes de informação. Cabe à imprensa produzir reportagens que relatam fielmente os fatos verídicos, ao mesmo tempo em que apresentam uma perspectiva singular das ações dos indivíduos, combinando, assim, os elementos do discurso jornalístico real, simbólico e imaginário.

No Jornalismo humanizado, a ênfase recai sobre a compreensão profunda e a imersão na história que está sendo contada, indo além da simples informação. Ijuim (2002) desafia a abordagem convencional de construir uma reportagem, argumentando que é crucial contextualizar a narrativa, em vez de se limitar a responder às perguntas tradicionais de quem, quando, como, onde e por quê. Destaca a importância de transcender a superficialidade e explorar aspectos que vão além do mínimo necessário para uma compreensão mais completa.

Seguindo a perspectiva do autor, o exercício do Jornalismo vai além da mera apresentação da verdade. O verdadeiro papel do comunicador é buscar as múltiplas versões verídicas de uma mesma história, estabelecendo conexões diretas com as pessoas envolvidas e buscando compreender cada ação e cada perspectiva da verdade. Segundo Ijuim (2002) esse processo implica em atribuir significados e contextos ao fenômeno, aprofundando assim a compreensão do público por trás dos fatos. É importante destacar que, para transmitir essa compreensão de forma eficaz, envolver emoções na elaboração da pauta é um passo crucial.

Faz-se importante destacar, ainda conforme a visão de Ijuim (2002), que no âmbito da ética jornalística, é necessário ir além da simples questão de determinar

se o foco de uma pauta é moral ou não. Em vez disso, é preciso promover discussões e reflexões abrangentes sobre a diversidade de questões, a fim de evitar que preconceitos sejam transmitidos na matéria. O Jornalismo humanizado envolve a ampliação da perspectiva em relação a uma ampla gama de assuntos, evitando generalizações e permitindo um desenvolvimento mais profundo da capacidade de compreender e respeitar realidades diversas. Ijuim (2002, p. 45) observa que "o relato jornalístico, portanto, não é simplesmente o resultado da aplicação de técnicas narrativas, mas sim o fruto amadurecido de observação cuidadosa, reflexão profunda e empatia do comunicador".

### **3.3 Reportagem**

Embora os teóricos acadêmicos que abordam o gênero jornalístico não o expressem de maneira explícita, a reportagem pode ser caracterizada de duas maneiras gerais: como uma extensão da notícia ou como um gênero independente.

A visão de reportagem como uma extensão da notícia é apresentada por Bahia (1990) e Melo (1985). De acordo com Bahia, a reportagem é a ampliação da notícia, sendo que toda reportagem é, por natureza, uma notícia, mas o contrário não é verdadeiro. Nesse sentido, Bahia argumenta que a notícia mantém sua natureza, mas adquire um caráter distinto ao se transformar em reportagem. O autor enfatiza que a reportagem é um tipo específico de notícia com suas próprias regras, o que a torna especial. Bahia destaca que, embora a reportagem derive da notícia, não é simplesmente uma notícia expandida. Em vez disso, a reportagem deve explorar minuciosamente todas as possibilidades de um acontecimento.

O salto da notícia para a reportagem ocorre quando é necessário ir além da simples informação, quando a notícia deixa de ser uma mera nota e passa a envolver detalhamento, questionamento das causas e efeitos, interpretação e avaliação do impacto, ganhando uma nova dimensão narrativa e ética (Bahia, 1990).

O autor (1990) apresenta uma divisão da estrutura da reportagem em três elementos principais:

- **Título:** Corresponde à apresentação do fato em si;
- **Primeiro parágrafo, cabeça ou lead:** É responsável pelo clímax da história, onde o acontecimento mais significativo é destacado;
- **Desenvolvimento da história, narrativa ou texto:** Seção que abrange o restante da história, fornecendo uma narrativa detalhada dos fatos.

Bahia (1990) também discute diferentes maneiras de organizar reportagens conforme a forma de pirâmide:

- **Pirâmide Invertida:** Começa com o clímax, seguido pelo desenvolvimento da história e conclusão.
- **Pirâmide Normal:** Inicia com o lead, seguido pelo desenvolvimento cronológico da história e culminando no clímax.
- **Pirâmide Invertida e Cabeça:** Combina elementos da abordagem cronológica com a ênfase no primeiro parágrafo, apresentando o ângulo mais atual e impactante.

Segundo Bahia (1990) o primeiro parágrafo, ou lead, deve responder às principais perguntas jornalísticas: o quê? quem? quando? onde? como? por quê? No entanto, enfatiza que responder a essas perguntas não é suficiente; outros requisitos, como clareza na linguagem, fidelidade aos fatos e veracidade, são igualmente essenciais para manter o interesse do público.

Lage (1979) aborda a reportagem de uma maneira que a define como um gênero jornalístico de difícil delimitação, uma vez que pode ser uma extensão de uma notícia ou originar-se de situações que não são estritamente notícias, mas que possuem interesse público, como reportagens sobre violência em áreas urbanas, cuidados com a saúde, meio ambiente, entre outros temas relevantes. Categoriza a reportagem, do ponto de vista de sua produção, em três tipos principais:

- **Tipo Investigativo:** Este tipo parte de um fato específico e revela outros aspectos relacionados a ele, aprofundando-se na investigação jornalística;

- **Tipo Interpretação:** Aqui, os fatos são observados sob uma perspectiva metodológica relacionada a uma determinada ciência, frequentemente sociológica ou econômica, buscando compreender o fenômeno de maneira mais aprofundada;
- **Tipo que Busca Apreender a Essência do Fenômeno:** Nesse caso, técnicas literárias são aplicadas na construção da narrativa, criando situações e episódios que são contados de forma mais envolvente e interpretativa.

Lage (1979) também destaca a importância da "oportunidade jornalística" na produção da reportagem, referindo-se a um fato que desperta o interesse do público e motiva a criação desse tipo de conteúdo jornalístico. Assim, de acordo com as obras do autor, fica claro que o que determina se uma reportagem é considerada um gênero autônomo ou não está relacionado aos fatos geradores que a motivam e ao seu enfoque específico.

Coimbra, em sua obra *O Texto da Reportagem Impressa* (1993), adota uma abordagem que se concentra nas possibilidades estruturais internas da reportagem, em vez de definir a reportagem como um gênero em si. O autor descreve a reportagem com base em suas estruturas textuais, destacando três principais modelos de estrutura:

- **Reportagem Dissertativa:** Nesse tipo de reportagem a estrutura do texto é fundamentada em um raciocínio explicativo, que utiliza informações generalizadas seguidas de fundamentação para abordar o tema;
- **Reportagem Narrativa:** Na reportagem narrativa o texto apresenta fatos organizados em uma sequência temporal, destacando relações de anterioridade e posterioridade entre os eventos. Essa narrativa pode incluir mudanças progressivas de estado em pessoas e coisas ao longo do tempo;
- **Reportagens Dissertativo-Narrativas e Narrativo-Dissertativas:** Coimbra também identifica reportagens que combinam elementos dos dois modelos mencionados acima. Nas reportagens

dissertativo-narrativas o texto é predominantemente narrativo, mas inclui trechos dissertativos. Já nas reportagens narrativo-dissertativas, o texto é predominantemente dissertativo, mas contém partes narrativas.

Além disso, Coimbra (1993) menciona a reportagem descritiva, na qual as pessoas e objetos são retratados em um momento específico, sem uma progressão temporal. Nesse tipo de reportagem, a ênfase está no detalhamento do momento capturado. Portanto, a perspectiva de Coimbra não busca definir a reportagem como um gênero específico, mas sim compreender suas estruturas internas e como essas estruturas podem variar de acordo com a abordagem e o estilo adotados na escrita jornalística.

### **3.4 Ciberjornalismo e Longform**

O ciberjornalismo ou Jornalismo digital é uma modalidade jornalística que se baseia na utilização das tecnologias digitais e da internet para a produção, distribuição e consumo de notícias e reportagens. Representa uma transformação significativa no campo jornalístico, proporcionando novas oportunidades e desafios para profissionais e organizações de mídia. Com base nas ideias de Schwingel:

O ciberjornalismo possui como princípios básicos: 1) a multimidialidade; 2) a interatividade; 3) a hipertextualidade; 4) a customização dos conteúdos; 5) a memória; 6) a atualização contínua; 7) a flexibilização dos limites de tempo e espaço como fator de produção; e 8) o uso de ferramentas automatizadas no processo de produção (SCHWINGEL, 2012).

Sendo assim, a produção de conteúdos para a web abriu inúmeras possibilidades e, cada vez mais, o usuário passou a ter facilidades para participar e interagir, como pode exemplo, podendo voltar naquela página online quantas vezes sentir necessidade. Por isso, é necessário um conteúdo de qualidade para despertar o interesse do leitor. Ainda segundo Schwingel (2012), tudo o que está disponível ali

é conteúdo, então é preciso estar atento na narrativa e no foco da história a ser contada, apresentando clareza ao transmitir uma ideia.

Dentro da modalidade do Jornalismo digital encontra-se o *longform*, que é caracterizado pela produção de reportagens extensas, aprofundadas e detalhadas, geralmente apresentadas em formato de texto longo. Ao contrário das notícias breves e sucintas, o *longform* busca oferecer uma abordagem mais elaborada de um tema, explorando múltiplas perspectivas, entrevistas detalhadas e pesquisa aprofundada.

Conforme Nunes (2016) o Jornalismo longform chama a atenção do público consumidor porque é capaz de explorar diversos elementos midiáticos, que são interativos e utiliza também uma narrativa que é prolongada devido ao uso de infográficos, fotografias, vídeos, mapas, áudios e até games.

Sendo assim, um produto primordial na esfera multimidiática, como afirma Salaverría (2014), quando cita que o vídeo converteu-se num ingrediente de enorme importância para a narrativa multimídia. Qualquer projeto de informação multimídia na internet está obrigado a destacar este elemento.

Nunes (2016, p.264), ainda destaca que a *longform* é mais vista na *internet* e em dispositivos móveis por conta de sua relevância na mídia em função de sua “narrativa ampla, capaz de unir vários elementos em uma composição única, como: áudio, texto escrito, texto falado e imagens em movimento, resultando em uma composição prática e atraente ao público”.

Essa narrativa digital traz a interatividade como uma ferramenta que deixa-a mais atraente para quem está consumindo. Com este elemento, o público faz o consumo convergente do conteúdo, ou seja, é quando o leitor consome uma notícia e quer saber mais sobre o assunto, podendo buscar por informações adicionais e complementares entre várias plataformas para compor sua própria conclusão sobre o assunto. Com a *longform* o público encontra tudo isso em uma só plataforma, podendo se aprofundar sobre o tema naquela mesma página.

Para Valiati, Funck e Breda (2021, p. 175, apud Miranda, Baldessar e Cavenaghi, 2015, p. 6) a mudança do Jornalismo impresso para o meio digital é algo que ficará para sempre. No entanto, ainda é necessário haver uma definição no modelo de negócios e também, no padrão narrativo. As autoras citam ainda que apesar dos meios utilizados pelo jornalismo, é preciso que o jornalista sempre busque a objetividade.

As autoras ainda concluem que o formato do *longform* é mais do que um texto longo, é um resgate tanto na qualidade como na apuração e na contextualização que são muito conhecidos, especialmente no modelo de reportagem. Por isso, o planejamento antecipado, a utilização da tecnologia e a busca por profissionais de diversas áreas é essencial para um trabalho de qualidade.

Desta forma, por permitir um formato longo e mais aprofundado, o leitor passará a ter acesso ao pensamento de quem escreve aqueles textos, os posicionamentos e sentimentos que o jornalista tentou passar no processo de criação daquela reportagem, assim, fazendo uma ruptura com o jornalismo tradicional e da objetividade.

### **3.5 Jornalismo e Direitos Humanos**

Inicialmente, estabelecia-se que o propósito central do Jornalismo era fornecer informações. No entanto Beltrão (1992) oferece uma definição mais precisa, descrevendo o jornalismo como “a prática de apresentar regularmente fatos atuais, devidamente interpretados, à sociedade, com o objetivo de disseminar conhecimento e guiar a opinião pública, visando ao benefício comum”. Bond (1962), seguindo a orientação da Sociedade Americana de Direitos dos Jornais, enfatiza ainda a importância de os jornais comunicarem ao público em geral o que seus membros estão fazendo, sentindo e pensando.

Dessa forma, o Jornalismo desempenha o papel fundamental de estabelecer e manter as conexões que tornam possível o exercício do direito à informação na sociedade. Como resultado, os jornalistas carregam a responsabilidade por suas

atividades profissionais, pois, conforme apontado por Chaparro (1994), a intenção e a execução são elementos essenciais da ação. Isso implica que a intenção, que pode estar ligada a valores religiosos, filosóficos ou simplesmente pessoais das pessoas, faz com que os profissionais estejam plenamente conscientes de suas ações.

Em se tratar da justiça social, a dignidade humana é o princípio central que fundamenta os direitos humanos. Reconhece o valor intrínseco de cada ser humano, independentemente de raça, gênero, religião, ou qualquer outra característica. A ideia é que todos os seres humanos merecem respeito e consideração simplesmente por serem humanos.

Os direitos humanos são universais, ou seja, aplicam-se a todas as pessoas, em todos os lugares e em todos os momentos, isso implica que nenhum grupo ou indivíduo pode ser excluído desses direitos com base em qualquer critério. Exigem igualdade perante a lei e proíbem qualquer forma de discriminação, isso abrange a igualdade de oportunidades, a igualdade de tratamento e a eliminação de preconceitos e estereótipos.

Os indivíduos têm o direito de participar ativamente nas decisões que afetam suas vidas e comunidades. Isso inclui o direito à liberdade de expressão, reunião pacífica e associação.

No entanto, apesar dos avanços na proteção dos direitos humanos ao longo do tempo, existem desafios significativos que persistem no cenário global, como a desigualdade econômica e social persistente, que desde os tempos primórdios, seguem sendo uma ameaça aos direitos humanos, pois impede o acesso igualitário à educação, saúde e outros serviços essenciais.

No processo de divulgar informações e torná-las acessíveis ao público, o Jornalismo estabelece uma relação intrínseca e profundamente interligada com os direitos humanos (Locatelli, 2014).



Conforme Rose (2017), o surgimento do Jornalismo fundamentado nos direitos humanos se baseia em "um quadro conceitual para um processo de desenvolvimento que emergiu no final dos anos 80 e início dos anos 90, buscando combinar os interesses distintos de especialistas em desenvolvimento e especialistas em direitos humanos." Esse tipo de Jornalismo tem como objetivo principal a compreensão dos direitos fundamentais das pessoas e, como função primordial, a exposição dos abusos desses direitos por meio da livre expressão, respeitando a dignidade de todas as pessoas, independentemente de cor, nacionalidade, gênero ou raça.

O Jornalismo desempenha um papel fundamental como um espaço de visibilidade midiática para questões específicas. Embora não seja a esfera pública em si, tem o potencial de servir como uma porta de entrada para o debate público, aproveitando essa visibilidade. Segundo Locatelli (2014) a mídia atua como um elo entre a esfera pública e a consciência coletiva, funcionando como uma ferramenta para destacar temas de interesse público e como um fórum privilegiado para a discussão pública.

O autor também afirma que a mídia possui a capacidade de interligar as diversas esferas públicas que existem, seja ao divulgar os assuntos debatidos em diferentes esferas públicas parciais, seja ao possibilitar o acesso a essas esferas públicas e, ao mesmo tempo, participar ativamente dessas discussões. Para tanto, essas são algumas das características que destacam a conexão entre Jornalismo e esfera pública, ressaltando não apenas a relevância da existência do Jornalismo, mas também enfatizando a importância da liberdade de expressão e da circulação livre de informações como fundamentais para a manutenção da democracia. Além disso, sublinha a necessidade de um jornalismo voltado para a promoção dos direitos humanos.

Quando se considera o papel dos jornalistas, é importante ter em mente que a base de sua formação profissional está firmemente ancorada na promoção e defesa dos direitos humanos. Além disso, as responsabilidades inerentes ao exercício da profissão estão claramente delineadas no Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, que está em vigor desde 2007. Este código estabelece, em

seu artigo 6º, que é dever do jornalista [...] defender os direitos do cidadão e contribuir para promover as garantias individuais e coletivas, com especial atenção para as crianças, adolescentes, mulheres, idosos, negros e minorias.

Montipó (2020) enfatiza que o jornalismo mantém vínculos sólidos com os direitos humanos. De acordo com a pesquisadora, é a narrativa jornalística que:

“A narrativa jornalística retrata o dia a dia das áreas urbanas, rurais e regiões remotas, que são essenciais para a cidadania. São nesses cenários que se desenrolam os eventos, as atividades diárias das pessoas, suas experiências e vivências. No exercício da profissão dos profissionais de comunicação, os deveres e os direitos são constantemente apresentados como elementos perenes, sendo narrados de forma cotidiana” (MONTIPÓ, 2020, p. 20).

Dessa forma, compreende-se que a atividade jornalística desempenha diariamente um papel fundamental na aproximação dos cidadãos de seus direitos fundamentais. Como afirma Montipó (2020, p. 40), isso implica em reconhecer que "jornalismo, cidadania e direitos humanos foram construídos historicamente e estão socialmente interconectados".

Quando se considera a função de relatar eventos, fica evidente que os jornais desempenham um papel crucial ao divulgar informações e violações de direitos humanos que, muitas vezes, eram desconhecidas por parte da sociedade. Isso, por sua vez, leva à sensibilização das pessoas diante dos fatos. Destaca-se a importância desse processo, uma vez que, de acordo com Ribeiro (2019), a empatia é uma construção intelectual que requer conhecimento e reconhecimento das experiências das pessoas que fazem parte de uma comunidade.

Nessa perspectiva, Hunt (2009) esclarece que os direitos humanos não se limitam a um conjunto de normas doutrinárias:

“Têm como fundamento uma atitude em relação aos outros indivíduos, uma série de crenças sobre a natureza humana e a forma como as pessoas discernem o que é certo e errado em um contexto secular. As correntes filosóficas, os sistemas legais tradicionais e os movimentos políticos de mudança precisaram estabelecer esse tipo de referência emocional interna para que os direitos humanos se tornassem verdadeiramente autoevidentes” (HUNT, 2009, p. 18).

Portanto, reconhece-se a importância da atividade jornalística na disseminação responsável de informações relacionadas aos direitos humanos, fornecendo à população os elementos essenciais para que integre essa temática em seu dia a dia. Conforme destacado por Christofolletti e Motta (2008, p. 12), "a sociedade não apenas se deixa influenciar pelos meios de comunicação, mas os reflete, adere a eles ou os rejeita. A sociedade contemporânea, mais complexa e madura, reage às notícias". Assim, a busca por uma atuação de alta qualidade e responsabilidade é fundamental, especialmente em um momento em que os papéis da imprensa e de seus jornalistas estão sendo cada vez mais questionados.

O papel desempenhado por esse estilo de Jornalismo e a maneira como aborda o tema são fundamentais para a divulgação precisa dos acontecimentos e, em certa medida, para conscientizar as pessoas sobre o que ocorre em suas comunidades. Segundo Miguel e Sousa (2018), esse gênero jornalístico exerce uma influência significativa na comunidade, pois tem a capacidade de abordar uma ampla variedade de tópicos que podem ser analisados criticamente pelo público, permitindo uma reflexão profunda sobre esses temas e, posteriormente, uma mudança no paradigma

Nesse contexto, Dias (2018), afirma que é possível sustentar que os meios de comunicação desempenham um papel significativo na disseminação das ideias e valores dos direitos humanos, uma vez que operam a partir de diversas perspectivas culturais e, assim, contribuem para a preservação dessas perspectivas.

### 3.6 Exclusão e Invisibilidade Social

De acordo com Zamboni (2014), um aspecto característico da sociedade contemporânea pode ser identificado na ampla variedade de maneiras pelas quais são geradas diferenças e desigualdades entre os indivíduos na sociedade. O autor sugere que, à medida que as trajetórias de vida são constantemente influenciadas pelas diversas formas pelas quais as pessoas se identificam e, conseqüentemente, se distinguem umas das outras, isso também resulta em um efeito colateral. Esses efeitos são os processos de discriminação e desigualdade, que persistem mesmo nas maneiras como os indivíduos se relacionam na sociedade.

Zamboni (2014) afirma que os indicadores sociais da diferença podem ser resumidos em sistemas de categorização que estruturam a experiência ao associar certos indivíduos a categorias sociais específicas. Na perspectiva do autor, características como raça, gênero, orientação sexual, classe social, geração, entre outros marcadores, têm sido utilizados para definir as posições sociais dos indivíduos na sociedade.

O conceito de invisibilidade social está relacionado a indivíduos que se encontram à margem da sociedade, seja devido à falta de atenção, discriminação ou por pertencerem a grupos estigmatizados. Como afirmado por Araújo e Tavares (2015, p. 116), essas pessoas são muitas vezes descritas como "cidadãos sem cidadania".

Conforme mencionado por Oliveira (2008), observa-se o fenômeno de invisibilidade:

“[...] indivíduos socialmente imperceptíveis para a maioria da população, muitas vezes estigmatizados até por aqueles que, em seu discurso, pretendem restaurar sua dignidade e garantir o pleno exercício da cidadania ou criar oportunidades para sua reintegração na sociedade” (OLIVEIRA, 2008, p. 11).

A invisibilidade revela aspectos ocultos da sociedade e fomenta a exclusão de determinados grupos. Sob essa ótica, a invisibilidade desempenha um papel ambíguo ao mascarar a desordem social. Como destacado por Araújo e Tavares (2015, p. 117), por meio da "invisibilidade, o desconforto que a pobreza pode provocar nas pessoas mais privilegiadas é reduzido a um nível tolerável".

Todavia, a invisibilidade não se manifesta de maneira independente. Faz parte de um ciclo contínuo que envolve estigmatização, exclusão e anonimato. Embora não necessariamente siga essa sequência, o processo geralmente se desenrola nesses termos. Quando algo se diferencia do padrão, é frequentemente submetido a uma análise marcada pelo estigma e pelo preconceito por parte de terceiros, o que, como resultado, leva à aplicação de medidas de exclusão. Por fim, culmina na indiferença que caracteriza a invisibilidade.

Esse aspecto da exclusão e invisibilidade social é amplamente discutido nas ciências sociais e nas áreas relacionadas aos estudos da desigualdade, pobreza, exclusão e marginalização e refere-se à condição em que certos grupos sociais são ignorados, negligenciados ou subestimados dentro de uma sociedade, levando a uma falta de reconhecimento de suas necessidades, direitos e contribuições.

Essa exclusão resulta em uma invisibilidade social, e vice-versa, que é fruto de uma estrutura social desigual. Segundo Lombardi (2013), esse fenômeno é presente em nossa sociedade desde o momento em que o Brasil começou a se desenvolver socialmente - há mais de 500 anos -, e esta situação é possível ser vista e comprovada ao analisarmos a história do país que mostra as marcas avassaladoras dos efeitos sociais que ainda estão presentes nas vidas dos brasileiros.

Ainda para o autor, há dois momentos de estudos (1990-1993 e 2008) que é possível notar a origem da exclusão social geograficamente, apresentando ainda "os fatores de risco produzidos pela exclusão, entre eles a miséria e os múltiplos impactos biopsicossociais desses fatores de risco sobre um grupo de pessoas em diferentes momentos de seus ciclos de vida" (LOMBARDI, 2013, p.91). E fala ainda que:

“A Exclusão Social é uma forma de violência e o que se assiste, na maioria das vezes, nada mais é que a contra-violência, não como uma simples reação de causa-efeito, mas sim como um sintoma de um processo fortemente e profundamente estruturado, que não se configurou em uma única geração, mas sim cumulativamente de geração para geração, o qual apresenta a violência como um dos inúmeros sintomas e que talvez seja o que mais incomoda e dá maior visibilidade” (LOMBARDI, 2013, p. 97).

Avaliando ainda o lado histórico, é possível perceber que desde sempre as famílias, sejam grandes ou pequenas, começam por uma divisão e que individualmente não pensaram nas pessoas ao seu redor:

“Cada grupo pensava cada vez mais em si mesmo, de tal forma que, se uma enchente destruísse uma plantação de uma família, a família vizinha não ajudava mais. O resultado é que uma família ficava pobre enquanto a outra prosperava” (LOMBARDI, 2013, p. 505).

Para Reis e Schwartzman o conceito de exclusão social ainda deve ser definido precisamente, tendo em vista que o mesmo é usado “para superar as deficiências de conceitos correntes e seu mérito maior é agrupar os descontentes, dessa forma não apenas estabelecendo uma comunidade de interesse, mas, geralmente, referendando uma nova problemática de investigação” (2005, p. 8).

Segundo Braga da Costa (2004, p.27), “a cura da humilhação social pede remédio por dois lados. Exige a participação no governo do trabalho e da cidade. E exige um trabalho interior, uma espécie de digestão, um trabalho que não é apenas pensar e não é solitário: é pensar sentindo e em companhia de alguém que aceite pensarmos juntos”.

Segundo dados do relatório divulgados pelo Laboratório das Desigualdades Mundiais (2022) o Brasil é um dos países mais desiguais do mundo. Isso quer dizer que a nossa estrutura econômica e tributária, assim como uma série de políticas públicas e outros fatores, como ações da sociedade, resultaram numa “divisão”. As desigualdades, foram, dessa forma, construídas.

O mesmo relatório ainda afirma que o Brasil fica ao lado do México, Emirados Árabes e África do Sul entre os lugares do mundo onde a desigualdade e patrimônio de renda é mais severa. E a pandemia fez a situação se agravar mais ainda. Segundo dados do IBGE (2021) o agravamento das diferenças sociais causou grandes problemas econômicos. Em média, no ano de 2020 - ano que iniciou a pandemia - a população branca tinha um rendimento médio de 73,3% maior do que os trabalhadores pretos ou pardos.

Essa distinção ocorreu também com homens e mulheres, no qual os homens rendiam 28,1% mais que as mulheres. Com isso, durante a pandemia, com 18,6% trabalhadores afastados de seus empregos, o número maior se deu entre as mulheres, que chegou a 23,5%, enquanto isso, os homens ficaram em 15%.

Em resumo, as desigualdades estão estruturadas a partir da intersecção do racismo e da opressão de gênero, além da exclusão de grupos vulneráveis, tais como indivíduos que buscam ressocialização, pessoas em situação de rua e com deficiências. Elas geram conflitos, violência e exclusão social, eliminando a possibilidade de resgatar valores básicos e fundamentais de diversidade e equidade, e impossibilitam o crescimento. Como diz o autor Tomás (2012, p. 6) “a invisibilidade como experiência moral é sofrida porque está relacionada ao sentimento de inexistência social”.

O retrato da exclusão social e das desigualdades no Brasil leva em conta suas diversas dimensões. São muitos grupos que sofrem com essa problemática e por isso é necessário um levantamento de dados detalhados para que o foco seja nos grupos mais necessitados, como afirma a pesquisa do Observatório Brasileiro de Desigualdades (2023).

O desafio que envolve enfrentar essas desigualdades é um desafio complexo que exige ações de muitas frentes. DiMarco (2020) afirma que as pessoas excluídas precisam contar suas histórias, precisam ter visibilidade e além disso, ter a igualdade de oportunidades. O autor ainda diz que para mudar essa realidade é preciso de esforços de toda a sociedade, principalmente, em reconhecer os erros que já foram cometidos. Para ele, a partir do momento em que alguém é invisibilizado e excluído, isso se torna um assunto de toda a sociedade, pois a inclusão e a exclusão é um assunto de todos.



#### **4. DESCRIÇÃO DO PRODUTO**

O produto faz parte das mídias emergentes, de publicação online por meio da plataforma Wix.com, sendo um conteúdo original. Foram entrevistadas 13 pessoas para a grande reportagem, dentre elas: Jefferson Nascimento, Coordenador de Justiça Social da OXFAM; Professora Efigênia, historiadora e palestrante; Padre Aloísio Mota, Pároco na Paróquia São Pedro Apóstolo na Cidade de Guaratinguetá; Padre José Ferreira, Assessor da Pastoral Carcerária de Aparecida; Ana Maria, coordenadora da Casa Madre Teresa de Calcutá em Taubaté; Leonardo Precioso, coordenador do Instituto Recomeçar; Dr Paulo Silvino Ribeiro, sociólogo; Luanny Faustino, consultora de diversidade; Beatriz Rocha, produtora de eventos; Amanda Soares, influencer; Paulo Escobar, sociólogo; Padre Inácio de Medeiros e Marcos Bento, presidente do Conselho Municipal das Pessoas com Deficiência.

Elementos ilustrativos e audiovisuais, imagens, áudios, gráficos e vídeos compõem o projeto. Além disso, a narrativa Longform é dividida em menus para exemplificar o conteúdo, sendo assim, apresentando 5 menus, com cerca de 48 mil caracteres. O produto utiliza de conceitos trabalhados dentro do Jornalismo humanizado e Longform (jornalismo multimídia) como ferramentas para criar proximidade e gerar sensibilização dos leitores.

## 5. DESCRIÇÃO DO PROCESSO DE CRIAÇÃO

Durante as orientações foi definido que a reportagem multimídia, no modelo Longform seria dividida em tópicos para facilitar o entendimento e a imersão do leitor durante o acesso ao site. Sendo assim, foram escolhidos temas relacionados ao assunto para compor o produto completo.

O item do menu denominado como **“O que é a exclusão social?”**, já é o primeiro a ser encontrado quando se entra no site, logo expondo sobre o conteúdo disponível. Nesse item, aborda-se o tema da Exclusão Social, apresentando a opinião de especialista e suas problemáticas na sociedade.

Já o segundo item do menu é chamado de **“Nas sombras da sociedade”**, onde é apresentado textos sobre o assunto que será abordado, juntamente com os relatos dos personagens, intercalando dados e informações com a experiência das pessoas que vivem a realidade da exclusão diariamente. O terceiro item do menu é chamado de **“Conheça as histórias”**, onde terá uma foto de cada personagem, destacando a fala mais impactante dita por eles. Esse item tem como objetivo chamar atenção do leitor, fazendo-o se sensibilizar com o tema.

O quarto item do menu é chamado de **“Uma questão nacional”** e expõe como a exclusão afeta a nossa convivência na sociedade e principalmente, o acesso aos direitos básicos. Por fim, o quinto item se chama **“Como mudar essa realidade”**, onde se destaca a importância de ações efetivas para combater a exclusão, como políticas públicas e conscientização da sociedade em geral. Nesse item, também é destacado algumas instituições que ajudam grupos excluídos, com hiperlink para levar o leitor a conhecer mais sobre cada uma que foi citada. Ao final, também há um espaço para interação, onde cada um pode deixar sua mensagem.

Em relação ao design, para predominar, foram escolhidos tons como branco, cinza e preto, que são cores usadas para criar um contraste forte e chamar a atenção para detalhes. O objetivo dessa escolha é fazer com que as pessoas foquem nos detalhes e possam gerar uma reflexão a partir dela.

Além disso, foram utilizadas como ferramentas de edição de imagem, criação de infográficos, slides e ilustrações, a plataforma Canva. Já para a edição de vídeo e áudio, foram utilizados o software Audacity e o Capcut.

Já no que diz respeito a parte das fotografias e vídeos, algumas das imagens foram de produção própria pelo graduando, já outras, foram cedidas pelos entrevistados. Além disso, outras foram baixadas através do banco de imagens gratuito do site Pixabay e Freepik. É importante ressaltar que todas imagens foram devidamente sinalizadas com os créditos.

## 6. SINOPSE

João, Maria, José, Teresa e Francisco vivem no mesmo país, mas em realidades totalmente diferentes. Uns com menos, outros com mais. Seja pelas classes sociais a qual pertencem, como também pela segmentação de gênero, raça e aparência.

O fato é que todas essas condições interferem no modo de interação com outros indivíduos e também no acesso a direitos básicos como Educação, Saúde, Cultura, Lazer e etc. A exclusão social que alguns grupos enfrentam acaba causando a invisibilidade, silenciando vozes dentro de um grande efeito dominó e modificando todo o contexto da sociedade e de como as pessoas se relacionam umas com as outras.

Nesta grande reportagem multimídia, Longform, serão explorados o contexto histórico da exclusão social, com as consequências e problemáticas da invisibilidade. Além disso, será oferecido um espaço para as pessoas que vivem essa realidade poderem partilhar de suas experiências e realidades. Cidadãos que tiveram suas vozes silenciadas por tanto tempo e que agora podem gritar.

## 7. ORÇAMENTO

ELEMENTO DA DESPESA	VALOR
DESIGNER	R\$500,00
IMPRESSÃO	R\$153,00
ENCADERNAÇÃO	R\$65,00
PEN DRIVE CARD	R\$40,00
<b>TOTAL</b>	<b>R\$758,00</b>

◀ Busca



Pix enviado



**R\$ 100,00**

Willian Luciano De Oliveira Nunes

Outras saídas



## 8. PÚBLICO ALVO

O conteúdo da Longform foi pensado com o objetivo de conscientizar as pessoas e chamar a atenção para um tema sensível que diz respeito a toda sociedade. Portanto, o público-alvo dessa Longform sobre exclusão social pode ser definido para homens e mulheres de 18 a 50 anos, que geralmente estão em uma fase da vida em que são mais ativos socialmente.

Esse público é o principal consumidor de mídias online, o que pode facilitar o acesso ao site da Longform e maximizar o alcance e o impacto do conteúdo. Além disso, esses indivíduos podem ter um entendimento imediato do tema pois podem ter vivenciado ou testemunhado essas questões em suas vidas cotidianas, o que também pode facilitar a empatia e compreensão com o tema. Sendo assim, direcionar a reportagem para esse público pode resultar em maior interesse, envolvimento e conscientização sobre a exclusão social.

## **9. VIABILIDADE DE PUBLICAÇÃO OU EXIBIÇÃO**

A viabilidade de publicação deste produto pode acontecer por meio de portais de notícias com conteúdos gerais, de diferentes editorias e também em sites especializados nas áreas de sociologia e ciências sociais, por ser um campo que estuda as relações humanas, desenvolvimento de aspectos da sociedade e características dos indivíduos e grupos que as compõem e também da psicologia, por falar do comportamento dos indivíduos.

## 10. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao produzir uma grande reportagem multimídia sobre a Exclusão e Invisibilidade Social, baseando-se nos conceitos do Jornalismo Humanizado e do Jornalismo Online, essa pesquisa buscou compreender a complexidade das experiências das pessoas que são deixadas à margem da sociedade. A hipótese partiu do seguinte pressuposto: o Jornalismo Humanizado e o formato Longform contribui e gera a sensibilização das pessoas que estão acessando o conteúdo.

No desenvolvimento da pesquisa bibliográfica foi possível compreender que tanto o Jornalismo Humanizado, quanto a Longform, são essenciais para o objetivo final da pesquisa. Isso porque ao juntar a humanização com os formatos de narrativa, que são permitidos na Longform, pode fazer com que o público se sinta mais próximo do tema abordado, interessado e com vontade de contribuir para mudar a realidade. Esse fato é importante pois o público, além de aprender algo novo, pode se sentir sensibilizado pela história ou até mesmo se identificar, gerando assim uma conscientização.

Ao voltar para a produção da grande reportagem, essa permitiu ao pesquisador se aprofundar e imergir no tema abordado, para que pudesse compreender a história da Exclusão e Invisibilidade, e por meio das entrevistas com especialistas que estudam o assunto e pessoas que vivem a realidade, interligar todas informações coletadas.

Foi importante para o pesquisador entender mais sobre os aspectos de edição, efeitos visuais e diagramação, itens importante para a construção da Longform. O Jornalismo Online, por sua vez, com sua agilidade e alcance, provou



ser uma ferramenta indispensável para trazer à luz as realidades muitas vezes eclipsadas pelo Jornalismo tradicional e cotidiano.

Ao pôr em prática as habilidades aprendidas ao longo da graduação, o desenvolvimento da pesquisa permitiu uma aplicação real e impactante do jornalismo. A pesquisa bibliográfica e as entrevistas foram o alicerce, mas a verdadeira essência emergiu no momento da decupagem, onde foi necessário o olhar jornalístico apurado para decidir o que iria entrar e o que seria deixado de lado.

Em relação aos objetivos, todos foram trabalhados de maneira com que contribuísse para as narrativas jornalísticas dentro da era digital. Nesse sentido, foi possível notar que o jornalismo, junto com as técnicas humanizadas e com as ferramentas permitidas no digital, é não apenas um observador, mas um agente de mudança, levando histórias além do papel, integrando-as em um movimento mais amplo de conscientização e ação.

A produção desse trabalho também permitiu reconhecer o papel do jornalista muito além daquilo que é mostrado tradicionalmente. Foi possível identificar a importância do jornalista como contador de histórias, carregando a missão de revelar, questionar e contribuir para um jornalismo mais inclusivo e consciente. E nunca deixando os valores éticos aprendidos durante a graduação, de lado.

## 11. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Fabiana Aline; SEBRIAN, Raphael Nunes Nicoletti. **Jornalismo humanizado: o ser humano como ponto de partida e de chegada do fazer jornalístico.** 2008. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2008/resumos/R10-0540-1.pdf>. Acesso em: 24 set. 2023.

AMALIA DALPIZOL VALIATI, V.; PRIOR BREDA, L.; LAIS FUNCK, N. **Longform e Jornalismo: Uma análise de grandes reportagens na Revista Piauí.** *Comunicologia - Revista de Comunicação da Universidade Católica de Brasília*, v. 14, n. 1, p. 173 - 192, 7 ago. 2021.

ARAÚJO, Paulo Thiago de; TAVARES, Marcelo Góes. **População em situação de rua: identidade social e a dialética da inclusão/exclusão.** *Cadernos de Graduação: Ciências Humanas e Sociais, Maceió*, v. 2, n. 3, p. 113-131, 2015. Mensal. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/fitshumanas/article/view/2081/1283>. Acesso em: 25 set. 2023.

BAHIA, J. **Jornal, história e técnica.** 4. ed. São Paulo: Ática. 2v. v2: As técnicas do jornalismo, 1990.

BELTRÃO, Luiz. **Iniciação à filosofia do Jornalismo.** 2. ed. São Paulo: Edusp/Com-arte, 1992.

BRAGA DA COSTA, Fernando. **Homens invisíveis: Relatos De Uma Humilhação Social.** Globo Livros, 2004.

BRAGHINI, Kéliana e LÜERSEN, Angelica. **A arte de contar histórias: jornalismo humanizado na revista Piauí**. 2014. Disponível em: <http://www.portalintercom.org.br/anais/sul2014/resumos/R40-0342-1.pdf>. Acesso em: 25 set. 2023.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988**. Brasília – DF, 1988. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 25 set. 2023.

BOND, F. Fraser. **Introdução ao Jornalismo – uma análise do quarto poder em todas as suas formas**. 2.ed. Trad. Pinheiro de Lemos. Rio de Janeiro: Agir, 1962.

CARNEIRO, Karoline. **Radical Chic e o Novo Jornalismo: Influências literárias e reinvenção do Jornalismo americano nos anos 1960**. Disponível em: [https://www.uece.br/eventos/jihlfeclesc/anais/trabalhos\\_completos/363-42428-13112017-075554.pdf](https://www.uece.br/eventos/jihlfeclesc/anais/trabalhos_completos/363-42428-13112017-075554.pdf). Acesso em: 25 ago. 2023.

CASTRO, Gustavo. **Jornalismo literário**. Disponível em: <[https://www.academia.edu/40828132/Gustavo\\_Castro\\_Jornalismo\\_Liter%C3%A1rio\\_uma\\_introdu%C3%A7%C3%A3o](https://www.academia.edu/40828132/Gustavo_Castro_Jornalismo_Liter%C3%A1rio_uma_introdu%C3%A7%C3%A3o)>. Acesso em: 22 set. 2023.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Pragmática do jornalismo – buscas práticas para uma teoria da ação jornalística**. São Paulo: Summus, 1994.

CHRISTOFOLETTI, R.; MOTTA, L. G. (orgs). **Observatórios de mídia: olhares da cidadania**. São Paulo: Paulus, 2008.

COIMBRA, Oswaldo. **O texto da reportagem impressa: um curso sobre sua estrutura**. São Paulo: Ática, 1993.

Condições de vida, desigualdade e pobreza | IBGE. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/condicoes-de-vida-desigualdade-e-pobreza.html>>. Acesso em: 20 mar. 2023.

DIAS, S. **Reporting Human Rights: A Study of Broadcast News Representations and Journalism Practices**. Doctoral Thesis in Philosophy. Cardiff: Cardiff University. 2013.

DI MARCO, V. **Capacitismo: o mito da capacidade**. 1. ed. Editora Letramento. 2020.

DINES, Alberto. **O papel do jornal: uma releitura**. 6 ed. ampl. e atual. São Paulo: Summus, 1996.

DUARTE NUNES, Everardo. Departamento de Saúde Coletiva, Faculdade de Ciências Médicas, Unicamp. Campinas SP Brasil. 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.org/pdf/csc/2020.v25n10/3700-3700/pt>>. Acesso em: 13 maio 2023.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS – FENAJ. **Código de ética dos jornalistas brasileiros**. Aprovado em Vitória, em 4 de agosto de 2007. Disponível em: [http://www.fenaj.org.br/federacao/cometica/codigo\\_de\\_etica\\_dos\\_jornalistas\\_brasileiros.pdf](http://www.fenaj.org.br/federacao/cometica/codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf). Acesso: 25 set. 2023.

GONSALVES, E. P. **Iniciação à pesquisa científica**. Campinas, SP> Alinea, 2001.

HUNT, L. **A invenção dos direitos humanos: uma história**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

IJUIM, Jorge Kanehide. **Humanização e desumanização no jornalismo: algumas saídas**. 2014. Disponível em:

<http://www.bocc.ubi.pt/pag/ijuim-jorge-2014-humanizacao-desumanizacao-jornalismo.pdf>. Acesso em: 24 set. 2023.

IJUIM, Jorge Kanehide. **Jornal escolar e vivências humanas: um roteiro de viagem**. 2002. Disponível em: [http://www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/20131017-201307\\_jorgeijuim.pdf](http://www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/20131017-201307_jorgeijuim.pdf). Acesso em: 24 set. 2023.

KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. São Paulo: Ática, 1995.

LAGE, N. **Ideologia e técnica da notícia**. Petrópolis: Vozes, 1979.

LOCATELLI, C. **Comunicação e barragens: o poder da comunicação das organizações e da mídia na implementação de hidrelétricas**. Florianópolis: Insular, 2014.

LOMBARDI, Antônio Benedito. **A Síndrome da Exclusão Social**. Belo Horizonte - MG: Folium Editorial, 2013. E-book Kindle. Disponível em: <https://ler.amazon.com.br/?asin=B00GSY2D20&ref=kwl kr iv rec 3>.

MEDINA, Cremilda. **Narrativas da contemporaneidade, caos e diálogo social**. In: MEDINA, Cremilda; GRECO, Milton (orgs.). *Caminhos do Saber Plural: dez anos de trajetória*. São Paulo: ECA/USP, 1999.

MIGUEL, K.; SOUZA, L. **Jornalismo e Direitos Humanos: o agendamento do tema estupro no portal**. Campo Grande News (MS). Revista Videre, 2018.

MELO, J. M. de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985.

MONTIPÓ, C. M. **Sentidos de cidadania e direitos humanos na práxis de repórteres**. Tese (Doutorado em Jornalismo) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

MOUILLAUD, Maurice (orgs.). **O jornal: da forma ao sentido**. 2ª ed. Brasília: Editora UnB, 2002.

NUNES, Pedro. **Jornalismo em ambientes Multiplataforma**. ÂNCORA - Revista Latino-americana de Jornalismo, v. 3, n. 2, 10 nov. 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/index.php/ancora/article/view/31405/0>>. Acesso em: 20 mar. 2023.

OLIVEIRA, L. T. de. **A (re)construção da identidade social da população em situação de rua da cidade de Marília**. Anais Seminário Nacional População em Situação de Rua. São Paulo: Ufscar, 2008. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/73260009/Anais--Do-Seminario-1>. Acesso em: 25 set. 2023.

OYAMA, Thays. **A arte de entrevistar bem**. Rio De Janeiro. Contexto, 2008.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.

Pesquisa do IBGE evidencia agravamento da desigualdade social. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/geral/audio/2021-12/pesquisa-do-ibge-evidencia-agravamento-da-desigualdade-social#:~:text=Esse%20afastamento%20foi%20maior%20entre>>. Acesso em: 20 mar. 2023.

PIMENTA, M. M. **Pessoas em situação de rua em Porto Alegre: Processos de estigmatização e invisibilidade social**. Civitas, Revista de Ciências Sociais, v. 19, n.1, p.82-104, 2019.

RAMPAZZO, Lino. **Metodologia científica: para alunos dos cursos de graduação e pós-graduação**. 8. ed. São Paulo: Loyola, 2015. 154 p.

REIS, E.; SCHWARTZMAN, S. **Pobreza e Exclusão Social: Aspectos Sócio Políticos**. Disponível em: <<http://www.schwartzman.org.br/simon/pdf/exclusion.pdf>>. Acesso em: 19 mar. 2023.

RIBEIRO, D. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SHAW, I. S. **Human Rights Journalism**. London: Palgrave Macmillan. 2012.

SCHWINGEL, Carla. **Ciberjornalismo**. Editora Paulinas, 2012.

SCHWINGEL, Carla. **Mídias digitais: Produção de conteúdos para a web**. Editora Paulinas, 2012.

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis: Vozes, 2014.

TOMÁS, Júlia. A invisibilidade social, uma construção teórica. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Julia-Tomas/publication/228333133\\_A\\_invisibilidade\\_social\\_uma\\_construcao\\_teorica/links/0fcfd4ff9604f657c0000000/A-invisibilidade-social-uma-construcao-teorica.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Julia-Tomas/publication/228333133_A_invisibilidade_social_uma_construcao_teorica/links/0fcfd4ff9604f657c0000000/A-invisibilidade-social-uma-construcao-teorica.pdf). Acesso em: 14 abr. 2023.

ZAMBONI, Marcio. **Marcadores Sociais da Diferença. Sociologia: grandes temas do conhecimento**. Especial Desigualdades, São Paulo, v. 1, p. 14 - 18. 2014.

## ANEXOS

INÍCIO O QUE É A EXCLUSÃO? NAS SOMBRAS DA SOCIEDADE CONHEÇA AS HISTÓRIAS UMA QUESTÃO NACIONAL COMO MUDAR ESSA REALIDADE

# VOZES SILENCIADAS

João, Maria, José, Teresa e Francisco vivem no mesmo país, mas em realidades totalmente diferentes. Uns com menos, outros com mais. Seja pelas classes sociais que pertencem, como também pela segmentação de gênero, raça e aparência.

O fato é que todas essas condições interferem no modo de interação com outros indivíduos e também no acesso a direitos básicos como Educação, Saúde, Cultura, Lazer e etc. A exclusão social que alguns grupos enfrentam acaba causando a invisibilidade, silenciando vozes dentro de um grande efeito dominó e modificando todo o contexto da sociedade e de como as pessoas se relacionam umas com as outras.

Nesta grande reportagem multimídia, Longform, serão explorados o contexto histórico da exclusão social, com as consequências e problemáticas da invisibilidade. Além disso, será oferecido um espaço para as pessoas que vivem essa realidade poderem partilhar de suas experiências e realidades. Cidadãos que tiveram suas vozes silenciadas por tanto tempo e que agora podem gritar.

← → ↻ reportagemexclusao.wixsite.com/vozes-silenciadas/nas-sombras-da-sociedade

INÍCIO O QUE É A EXCLUSÃO? NAS SOMBRAS DA SOCIEDADE CONHEÇA AS HISTÓRIAS UMA QUESTÃO NACIONAL COMO MUDAR ESSA REALIDADE

## NAS SOMBRAS DA SOCIEDADE

O conceito de invisibilidade social está relacionado a indivíduos que se encontram nas sombras da sociedade, seja devido à falta de atenção, discriminação ou por pertencerem a grupos estigmatizados. Existem muitos grupos que sofrem com a exclusão e a invisibilidade e nesta grande reportagem, foram escolhidas as pessoas com deficiência, negras, em situação de rua e egressas do sistema prisional para terem suas histórias compartilhadas.

Escrito com objetivo de dar voz a história desses homens e mulheres, esse conteúdo foi dividido em 4 partes:

MUITO ALÉM DOS RÓTULOS: A TRAJETÓRIA DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA  
EM BUSCA DE UM RECOMEÇO  
A BATALHA DE QUEM VIVE NAS RUAS  
A ESTRADA AINDA É LONGA: O CAMINHO PELA IGUALDADE RACIAL



## O QUE É A EXCLUSÃO?

“A EXCLUSÃO É UMA CONDIÇÃO NA QUAL A PESSOA ESTÁ LIMITADA, EXCLUÍDA DAQUELO QUE É MINIMAMENTE NECESSÁRIO PARA A SUA VIDA DIGNA”.



Dr. Paulo Silvino Ribeiro - Sociólogo



00:00 / 01:15

Há uma sombra que paira sobre nosso país, e ela se chama exclusão social. A disparidade entre as camadas da sociedade brasileira é um tema que há muito tempo intriga e incomoda. As diversas pesquisas feitas pela OXFAM, ONG que luta para combater as desigualdades, trazem à tona dados assustadores que incitam a reflexão sobre a profundidade desse abismo social:

No entanto, mesmo com as leis que asseguram esses direitos, às pessoas com deficiência seguem sendo infantilizadas e muitas vezes, vistas como indivíduos sem futuro, incapazes de produzir intelectualidade ou pensamentos coerentes.



Amanda Soares - Influencer

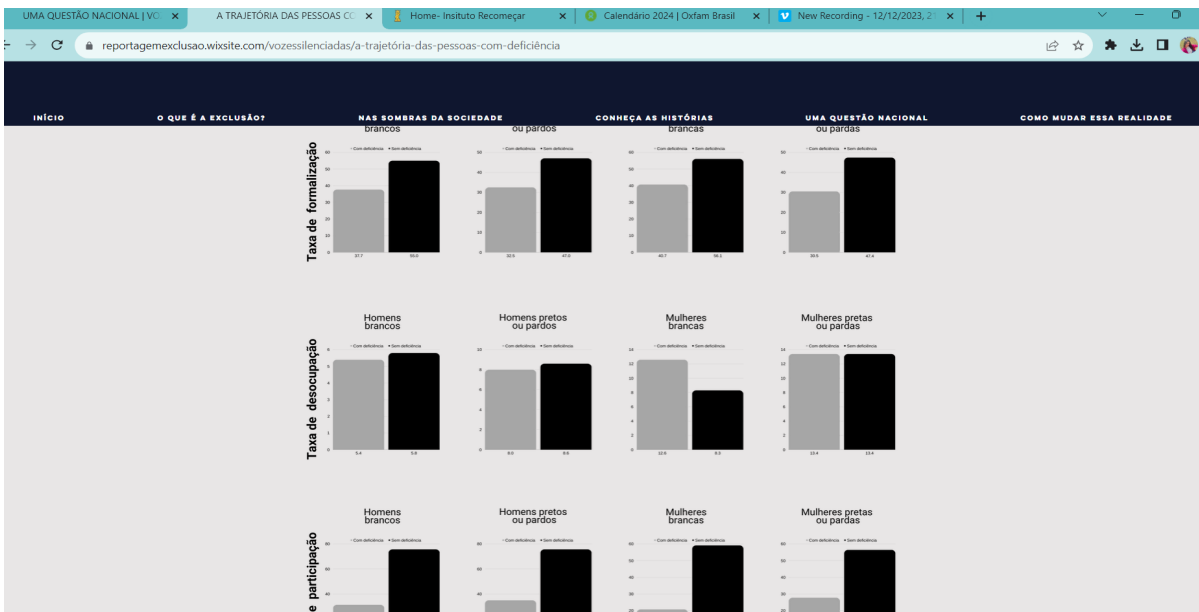


00:00 / 01:11

No mercado de trabalho, não é diferente. Segundo os dados divulgados pelo Pnad Contínua, a oportunidade para as pessoas com deficiências é pouca. É determinado pela Lei de cotas, que toda empresa de grande porte (com mais de 100 funcionários), destinem uma quantidade de vagas para pessoas com deficiência, que varia de 2 a 5%.

Os dados coletados ao longo dos últimos anos expõem que a inserção no mercado de trabalho é um desafio que ainda precisa ser trabalhado:





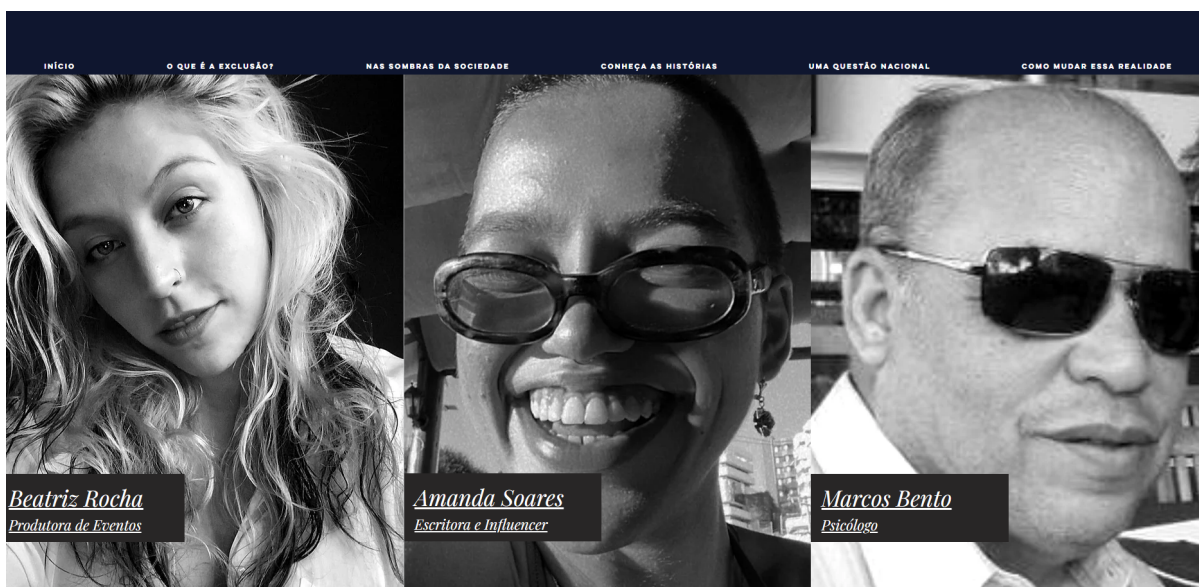
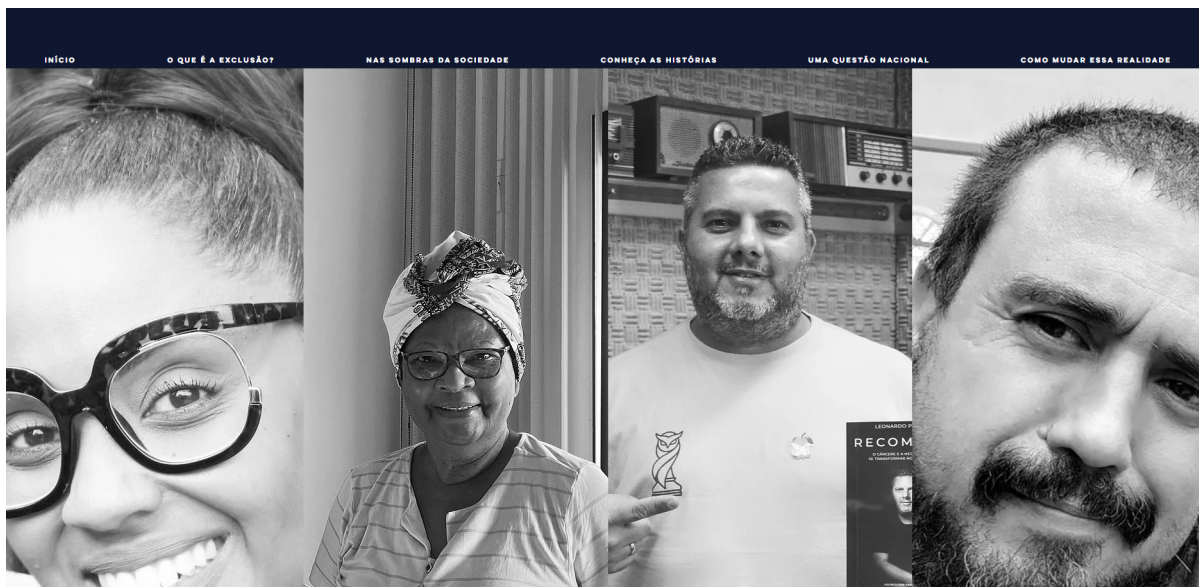
interagir com o meio. Depende de como a paralisia acontece naquele momento”, diz.

Em suas redes sociais, Amanda aborda o tema acessibilidade, capacitismo, liberdade e direito das pessoas com deficiência.

“AS PESSOAS NÃO CONSEGUEM LIDAR COM A POSSIBILIDADE DA GENTE SER FELIZ ASSIM, E DE NUNCA TER LIGADO PARA ISSO. A DEFICIÊNCIA SÓ É COMPLICADA PORQUE O MUNDO SE PÓS COMPLICADO PARA ELA. EU NUNCA ME QUESTIONEI QUANDO CRIANÇA, PARA MIM ERA MEU CORPO NORMAL E MINHA FORMA DE ANDAR. MEU ÚNICO QUESTIONAMENTO ERA: POR QUE AS PESSOAS ME TRATAVAM DIFERENTE?”

Amanda Soares. Reprodução pessoal.

Por isso, conta Amanda, que na vida adulta ela levou tanto tempo para se reconhecer como mulher. Por conta do pensamento carregados de estigmas e estereótipos que as outras pessoas tinham, ela começou a se ver como os outros a enxergam. “Quando se referem a mim apenas como uma fonte de inspiração ou como alguém que sofre e é sozinha, estão falando especificamente sobre a minha deficiência e não sobre quem eu sou”, finaliza.



Montagem de Cestas Básicas.

## SOLTE SUA VOZ

Se identificou com alguma das histórias e quer compartilhar o seu relato?

✉ [7.biancacarvalho@gmail.com](mailto:7.biancacarvalho@gmail.com)

Nome

Email \*

Assunto

Conte sua história